

SOB O
SOPRO DE
CINCO
VENTOS

Kátia Valevski

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

ASA DE VIDRO

Asa de vidro,
Em que a luz perpassa
E a visão atravessa,
Não pode seguir um meandro.

O voo que lhe cabe é reto –
Lindamente reluzente,
Brutalmente transparente,
Mas refém de frágil calcanhar secreto.

Como os telhados, também de vidro,
Há sempre o medo de viver o rio
Que em seus dias de correr bravio,
Porventura hão de lhe arremessar uma pedra.

Asa de vidro,
De nada um voo lhe serve.
Sem curvas, os céus e os ares
Só lhe levam a um estado inerve.

Asa em vidraça,
Dobra-se à vida
E se estilhaça
Ao ponto da partida.

Cai ao chão
E volta aos charcos...

De lama, molda seus arcos
Para voos em derivação.

Ressurge, lodenta, nos ares.
E ainda que cinzenta,
Tal qual arribação,
Cruza, casmurra, os longos mares.

Asa de lama, de terra, de barro,
Seu curso é seu intento.
Não há mais impedimento,
Nenhuma pedra, nenhum esbarro.

Voa-se plena em voltas e curvas,
Que voltas e curvas a vida dá.
Voa as linhas e os meandros.
Deixa-se pena, ao vento, a vagar.

PARTÍCULA

Cada sonho de mim é plano
Cada ponto de mim, uma vírgula
Em cada santa, um mundano
Em cada calha, uma gárgula

Cada tempo de mim é século
Cada parágrafo, um conto
Em cada dúvida, o oráculo
Em cada juízo, um tonto

Cada gole de mim é ebriez
Cada sentença, um verso
Em cada olhar, a avidez
Em cada estrela, um universo

Cada retrato de mim é efígie
Cada lembrança, uma comoção
Em cada montanha, a planície
Em cada passo, uma fundação

Cada silêncio de mim é brado
Cada palavra, uma oração
Em cada segredo, o sagrado
Em cada partícula, uma amplidão

FUMO AOS CÉUS

A fumaça sobe às folhas;
Meu cigarro alcança o céu.
Leva nele minha alma,
Bufada sem freio, ao léu,
A se intrometer nas nuvens –
De meu eu, um solidéu!

O filtro das folhagens
Não lhe subtrai o véu,
Só lhe acentua as ondas
De um sopro que escafedeu.
Sua companhia me acalma;
Anima o sonho que não morreu.

Gases viajantes no espaço
Especulam o que me reserva Deus.
Vão, sem volta, mas com coragem,
Deixando-me aos devaneios meus,
Em esperança infirme, por cansaço,
Como Prometeu traíndo a Zeus.

Do barro úmido ao seco sargaço...
Todos nos transfiguraremos
Em fósseis de carbono e voláteis,
Talvez antes que respostas achemos.
Partiremos dessa térrea-aquosa esfera
Sem que mistérios de nós decifremos.

ARREPIOS DE VIDA

Entre o princípio e o fim
Há o ser, o amar, o escrever,
Há o sorver, o rir, o beber,
O experimentar do viver
Sem medo de errar, o crescer,
O cantar, a dor, o prazer.
Há o agir no tempo
Para criar o lembrar,
O andar antetempo
Para aprender o cair.
O abrir das portas e o sair
Para em novas conchas entrar;
O seu lugar no mundo construir
Para sua alma encasar.
Há o conhecer, o desbravar,
O entrar num outro lugar,
O partir de lá
Para cá voltar.
Há o caber e o descaber,
O conquistar e o perder,
Manhãs, tardes e o anoitecer,
Sóis, luas e o desconhecer.
Há o desafio do conviver
Sem sua essência perder
Mas se permitindo o trocar.
Há que haver música no ar
Para seu trajeto ameigar;

Há que haver cores, sabores,
Cheiros doces de flores,
Para o espírito enlevar.
Entre o princípio e o fim
Há que se bem viver
Sem borregar, nem pestanejar,
Sem se arrepelar, nem arrepender.
Sentir seu sopro vital se arrepiaar...

ONÇA TIGRADA

Meu antebraço é um mosaico de sinais
Do excesso ou ausência de melanina –
Pintas brancas e marrons tão iguais
Às de minhas mãe e avó que eu curiosava, em menina.

Achava estranhos e bonitos aqueles mesclados,
Mas deles tão pouco entendia.
Por que seus braços eram, assim, pintados,
De bolinhas claras e escuras, em intrigante alegria?

Ouvira sobre os antepassados brancos –
Navegantes cruzando atlânticos mares,
Em navios, com subterrâneos flancos,
Cheios de negros sofridos, prometidos a falsos lares.

Soubera sobre os antepassados índios –
Sem manchas nenhuma nos braços,
Apenas dourados de sol, sem dispêndios,
Ou desenhados com tintas e tirnas, em círculos e traços.

Aprendera que os índios, com surpresa,
Receberam brancos e negros nas praias,
Munidos de arco, flecha, ingenuidade e pureza,
Ante pistolas de homens e pudores de mulheres de saias.

Decifrava-me, aos poucos, a cútis estampada!
Originária de amarela ameríndia tez,

Por detrás de chitas ou em cambraias ocultada,
Mescla de poás e cânceres, escravidão e altivez.

Um antebraço flocado aos olhos da criança,
Vívido e miscigenado agora aos meus.
Tatuado, em manchas, pelos tempo e herança,
Triplamente abençoado por Tupã, Ogum e Deus.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em setembro de 2022.
